

O retorno da Cobra Grande: ancestralidade e cuidado com o corpo-terra

Ruth Silva Torralba Ribeiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
ruthtorralba@gmail.com
orcid.org/0000-0002-6979-2478

Resumo | Esse texto segue o serpentejar da Cobra Grande, da Mãe D'água, ser que habita e encanta as águas profundas das terras *brasilis* antes do colonizador aqui pisar. Nesse movimento, relata as experiências vividas na *Teko Haw Maraka'nà*, aldeia em contexto urbano na cidade do Rio de Janeiro, com as experimentações Corpo-Terra. Lançamos flechas de re-encanto, plantando sementes no território da dança e das práticas somáticas para sanar as feridas coloniais de nosso chão.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo-Terra. Ancestralidade. Re-encanto.

The return of the Cobra Grande: ancestry and care for the body-earth

Abstract | This text follows the meandering of the Cobra Grande, the Mãe D'água, a being that inhabits and enchants the deep waters of the Brazilian lands before the colonizer set foot here. In this movement, it reports the experiences lived in *Teko Haw Maraka'nà*, a village in an urban context in the city of Rio de Janeiro, with the Corpo-Terra experiments. We launch arrows of re-enchancement, planting seeds in the territory of dance and somatic practices to heal the colonial wounds of our land.

KEYWORDS: Body-Earth. Ancestry. Re-enchancement.

El regreso de Cobra Grande: ascendencia y cuidado del cuerpo-tierra

Resumen | Este texto sigue el deambular de Cobra Grande, Mãe D'água, un ser que habita y encanta las aguas profundas de las tierras brasileñas antes de que el colonizador pisara aquí. En este movimiento, relata las experiencias vividas en *Teko Haw Maraka'nà*, una aldea en contexto urbano de la ciudad de Río de Janeiro, con los experimentos de Corpo-Terra. Lanzamos flechas de reencantamiento, sembrando semillas en el territorio de la danza y las prácticas somáticas para sanar las heridas coloniales de nuestra tierra.

PALABRAS CLAVE: Cuerpo-Tierra. Ascendencia. Reencantamiento.

Enviado em: 15/10/2022
Aceito em: 26/10/2022
Publicado em: 09/11/2022

Mergulho em rio profundo

“Mergulho Fundo

Mergulhei no rio profundo
Rio de espiritualidade
Rio que me traz esperança
Rio de ancestralidade

Nas profundezas ouvi
O canto dos pajés
A beleza da mãe d’água
Nas águas escuras dos igarapés.

Mergulho no rio e vou fundo
Em busca do meu sagrado
E vejo no rio espelhado
A imagem do meu eu

Sem pressa voltarei
Sou filha da mãe da mata
Minha pele retrata
A cor que dela peguei

Pachamama!
Com a lama me abracei”
(Márcia Kambeba, 2018)

Sou filha da Cobra Grande. Nasci nas reentrâncias maranhenses, lugar que o mar engole a terra e adentra o rio. Meu umbigo está enterrado lá, em Cedral. Sou filha de Flor, neta de Joana, bisneta de Margarida, parteira e curandeira. Somos Tapuyas Guerreiras. Sou filha dessa terra de cedro. Terra cercada por mar grande. Mar de Maranhão que envolve as terras da Cobra Grande, onde habitava e ainda habita o povo Tupinambá.

A Cobra Grande, a Mãe D’Água, habita o espaço abaixo da ilha de São Luís, a capital do Maranhão, *Upaon-Açu*, "ilha grande" em tupi. A cobra adormece embaixo da ilha. Sua cabeça se encontra na Fonte do Ribeirão e sua cauda abaixo da igreja de São Pantaleão. No dia em que a cabeça da Cobra Grande encontrar a cauda, ela acordará e a ilha vai submergir para emergir outro mundo encantado.

Sou filha da Mãe D’Água. Sua força me orienta, seu serpentear me ancora. Somos serpentes das águas. Somos Tapuyas Guerreiras que sobreviveram ao massacre. Nossas danças, nossos cantos, nossos encantos fazem o mundo encantado submergir para manter a dança cósmica.

Meu corpo dança as águas encantadas e profundas da Mãe D’Água.

Te convido a mergulhar em seu rio profundo, onde habita o escuro sagrado de *Nhandecy*, mãe do corpo e mãe da terra. Mergulhe em seu escuro interior infinito e encontre seu coração, seu primeiro tambor, sinta seu pulsar e perceba que seu coração é como um poço profundo cheio de água, de sangue, que nutre seus veios de rio, suas veias e artérias. Sinta, a partir do seu coração, os vários veios de rio que escorrem pelo seu corpo, que levam, numa experiência mágica, o oxigênio, o ar primordial, para cada célula do seu corpo. Sinta aí, nesse mergulho profundo, sua cobra grande, sua serpente das águas da vida, serpente cósmica, origem da

vida.

Mergulhar em seu rio profundo te restaura? Te re-encanta?

Sou sereia das águas primeiras e é meu destino re-encantar: canto encantos ecoando múltiplas vozes de mulheres originárias deste chão Pindorama num tempo expandido e espiralado em que o futuro é ancestral.

Re-encantar e reflorestar corpos-territórios ancestrais

Ancestralidade

Eu venho da grande floresta,
Do rio, minha festa, quero a vida cantar.

Nosso grito na cidade ecoou,
O canto dos povos estrondou.
Guerreiros aguerridos
Vêm vindo para se unir.

Na terra que o sangue banhou,
Uma nova geração levantou
Com garra e coragem,
Luta e canta sua nação.

Revive o que de fato é seu,
A cultura desses povos não morreu.
Na pele, grande tela,
O grafismo é nossa voz.

Na pena um significado singular
A liberdade que se tem
Como pássaro a voar.

A ancestralidade pede paz.
Ela é força de identidade.
Na aldeia ou na cidade,
Nossa *uka* não se desfaz"

(Márcia Kambeba, 2021)

Minha mãe me disse que o "útero é a mãe do corpo", que quando a gente menstrua, libera todos os males do corpo mensalmente. Ela conta o que sua avó lhe contou: que esse é um espaço sagrado do corpo. Sempre gostei de ouvir as histórias da minha mãe que me levavam a um tempo mágico, encantado, mas também a um espaço ferido e de dor. Fiquei ressoando o sentido dessa frase: ser mulher e liberar males. Quantos males precisamos expurgar através de nosso sangue a cada mês? Sangrar e vingar a vida de cada ancestral violada, cada pedaço de terra massacrado, cada água contaminada, cada criança desnutrida. Minha mãe perdeu o útero antes de fazer 50 anos. Eu sinto liberar males de gerações e gerações a cada mês. Os males do útero são muito comuns na geração da minha mãe e na minha. Por outro lado, venho retomando esse sentido do cuidado com o sangue menstrual como uma experiência de conexão primordial com a vida e modo de curar feridas ancestrais.

O primeiro gesto colonizador é a invasão e o segundo a usurpação de corpos

e territórios. O apagamento de sentidos para sobreposição de outros. Nomear como gesto de captura. Foi assim que o território invadido vira “descoberto”, que línguas são apagadas e culturas queimadas.

O nome dado a esse pedaço de terra que foi chamado Brasil é do ser não humano que primeiro foi explorado, sequestrado e exportado de seu território originário, o pau-brasil, uma das várias espécies de árvores que sustentam por milênios o nosso chão. Brasis também eram chamados os seres originários deste território por terem a pele vermelha como brasa pelo uso na pele do ser *uruku*, urucum.

Explorar as matérias nativas, estuprar a terra, violar o corpo, condenar a magia.

O primeiro alvo do canhão de desencanto colonial é o corpo, juntamente com a separação da natureza e sua dimensão coletiva, conectiva e encantada. A colonialidade opera tanto pelo controle dos corpos e pela tentativa de epistemicídio, impondo sua cultural e sua língua e demonizando as práticas culturais originárias, como também através da transmissão de vírus, da contaminação das águas, da destruição da carne, dos ossos e do sangue do planeta. Além de matar, estuprar, violentar, escravizar os filhos da terra, massacra também seus territórios sagrados.

Se foi o corpo o primeiro alvo e a invasão da terra o primeiro gesto, seria através do encontro sagrado com o território e através do re-encantamento do corpo que poderíamos, como minha ancestrais anseiam, curar os males do útero?

Teko Haw Maraka'nà e o retorno da Cobra Grande

Nossa luta é pelo resgate da cultura indígena no Rio de Janeiro, que era um pouco esquecida e morta.
(...)

Na Aldeia Maracanã, teve a presença de vários povos. Um espaço que tem ossos indígenas enterrados, tem toda uma história
(Potira Guajajara In PACHAMAMA, 2018)

Encontrei a Aldeia Maraka'nà¹ em 2017 com onucleo (Núcleo de Pesquisa, Estudos e Encontros em Dança) que coordeno em colaboração afetiva e sintônica com a Professora Lídia Lorangeira. Naquele momento, era preciso retirar o asfalto, reflorestar o espaço, reparar as feridas deixadas no ano de 2013, quando houve uma violenta ação do governo do Estado contra Aldeia numa tentativa de reintegração de posse do território. Era preciso replantar a floresta destruída pelo Estado e reflorestar os corpos para sanar as feridas deixadas pelo mais recente massacre.

Nos anos seguintes retornei à Aldeia sozinha, com meu filho, com onucleo e com outras parcerias. Conheci a roda do Círculo Sagrado de Mulheres no dia em que várias mulheres indígenas partilhavam suas experiências na “Primeira Marcha

¹ A Aldeia Maracanã ou Aldeia Maraka'nà, em tupi-guarani, é uma Aldeia em contexto urbano, localizada na antiga sede do Museu do Índio, no bairro do Maracanã (R.J.). A “Aldeia Rexiste” com “x” para marcar a dimensão existencial da luta pelo território. Através de ações comunitárias e da troca de saberes e práticas, são realizadas as ações da Universidade Pluriétnica e Multicultural Indígena Aldeia Maraka'nà.

das Mulheres Indígenas: território, nosso corpo, nosso espírito” que ocorreu em 2019. Neste dia, conheço Potira Krikati Guajajara e muitas parentas que têm me dado a mão e feito a roda da vida girar. Mergulho fundo na grande floresta dentro da cidade que é a Aldeia Maraka'nà. O encontro com as mulheres indígenas, com o território sagrado da Aldeia, e com o Ciclo Sagrado de Mulheres foram abrindo as visões e fazendo retornar ao lugar de origem, ao meu lugar, ao umbigo-raiz, esse lugar do corpo que nos liga com nossas ancestrais originárias e com todos os seres parentes que compartilham o colo comum da terra.

Encontrar a Aldeia, Potira e as indígenas do Ciclo Sagrado de Mulheres acordou a cobra grande e minhas Tapuyas guerreiras começaram a aparecer em sonhos ou em movimentos de dança, me fazendo lembrar que sou bisneta de curandeira e que meu umbigo está enterrado no lugar onde nasci em Cedral.

A partir desse encontro com a ancestralidade, foram surgindo as oficinas e experimentações Corpo-Terra. Eu fui percebendo que muito o que eu buscava na dança e nas práticas somáticas estavam borbulhando em minhas células. Eu precisava encontrar um lugar para encontrar meu lugar...

Território, nosso corpo, nosso espírito

Quando dizemos “território”, não estamos simplificando o termo para algo simples e final; estamos expandindo o termo para algo mais digno no que se refere aos direitos dos povos indígenas. Um território não é apenas um pedaço ou uma vastidão de terras. É um espaço verdadeiramente ético, não é apenas um espaço físico como muitos políticos querem impor. Território é quase sinônimo de ética e dignidade. Território é vida, é biodiversidade, é um conjunto de elementos que compõem e legitima a existência indígena. Território é cosmologia que passa inclusive pela ancestralidade.(Eliane Potiguara, 2018)

Na experiência na Aldeia Maraka'nà entendemos que o *tekoá*, em tupi-guarani ou *teko haw*, em ze'egete, língua do povo Guajajara, maioria étnica atualmente na Aldeia, é “o lugar onde vivemos” que não se separa do corpo que habitamos. Na cosmovisão tupy, como nos ensina Kaká Werá (2017), o ser é som e expressão da vibração da Terra. A palavra *tupy* significa “som assentado” e advém de *Tu* (trovão) e *Py* (corpo físico). Essa vibração primordial do corpo físico da Terra (*Tu*) assenta em nós através de nossos corpos (*Py*), gerando vida através da dança, do canto e de tantos outros rituais sagrados. A palavra *Tupy* também advém de *Tupã* que pode ser traduzido segundo Werá como “fonte divina” ou “grande espírito”.

Na cosmoperspectiva tupi-guarani, cada um de nós guarda em si o sopro do mundo. Por outro lado, o *tekoá* ou *teko haw*, não é diferente do espaço do corpo e do espaço do corpo dos outros seres. Somos uma experiência coletiva e co-dependente. O sentido de comunidade guia todas as experimentações da vida entre humanos e não humanos, entre as múltiplas consciências de mundo.

A luta pelo território é assim luta pela vida, pela manutenção da experiência coletiva, seja na floresta, seja na cidade. A luta pelo território é a luta pela Terra,

nossa grande *Nhandecy*. O planeta como nós não é só espaço físico, mas um ser vivo em metamorfose incessante. A noção de espaço topográfico e as demarcações espaciais como as fronteiras e as aldeias são construções coloniais. O corpo-território é ancestral.

Como nos aponta Sandra Benites Guarani (2018), na sua cultura o corpo é a relação com o outro e essa experiência é fundamental para a construção do saber. O conhecimento está no bem-viver, no *teko porã*. O saber se faz no conviver, ou melhor, no “bem-viver”, na relação, no encontro.

Isso eu chamo de “território”. *Teko* significa “modo de ser”. *Tekoha* é onde se constrói esse modo de ser, cada corpo é um território. Por isso, para nós existem vários *teko*. Existe *teko* das crianças, *teko* das mulheres, *teko* dos homens, *teko* dos jovens, *teko* dos velhos (as), e assim por diante. Por isso nós Guarani sempre procuramos respeitar *teko* do outro, mesmo que não sejam iguais, e mais para equilibrar o movimento do lugar. O lugar em que nós nos movimentamos é movimentado pelas pessoas que estão nele. Se as pessoas não tiverem em harmonia com os outros, o lugar também não estará bem. (BENITES, 2018: 71)

Somos filhas da terra. Coexistimos com vários seres, visíveis e invisíveis, no corpo de um ser que gira no espaço numa dança cósmica.

Corpo-Terra

“Propomos a ideia de território como local de pertencimento, memória e história. Neste sentido, percebe-se o território construído como um espaço de relações sociais, onde há o sentimento de pertencimento dos atores locais, processo de identidade construída e associada ao espaço de ação coletiva em que são criados laços de solidariedade”

(Aline Pachamama, 2020)

O modo como experimentamos a dança nas experiências Corpo-Terra dimensionam a vida num plano comum, de indissociabilidade corpo-território que restauram e reflorestam. Nas oficinas Corpo-Terra, temos nos aproximado dos seres vegetais que cuidam e protegem o território da Aldeia, como nos ensina cotidianamente Potira Guajajara, grande guardiã da *Teko Haw Maraka'nà*.

Clitória, amora, perpétua, cidreira, moringa, aroeira, pinhão roxo, boldo, *amanezu* (algodão em ze'egete): mestras curandeiras que protegem o espaço num abraço perfumoso e cuidam do “território, nosso corpo, nosso espírito”².

² Referência à Primeira Marcha das Mulheres Indígenas, em 2019.



Figura 1. Imagem de duas mãos colhendo pião roxo durante a oficina Corpo-Terra em abril de 2022. Fonte: Thaís Brum, 2022.

Nas oficinas Corpo-Terra, buscamos ativar no corpo essa dimensão indissociável corpo-território numa atitude de cuidado e confiança no espaço e na relação entre os seres que compartilham o espaço. Buscamos conhecer e aprender com as plantas professoras, aprendendo junto às mulheres indígenas e não indígenas da Aldeia, a reconhecer cada planta e saber para que serve como medicina para os males do corpo. Colhemos as plantas. Ativamos o contato sensorial entre nós. Cuidamos num gesto coletivo do corpo-território ancestral. Cultivamos o corpo-terra, reflorestando nossos territórios sagrados através de uma atmosfera de cuidado para experimentação da vida em seu plano primordial, celular, conectivo e coletivo. Através das experimentações sensíveis corpo-terra, especialmente no contato com as plantas, buscamos pouso e mergulho na dimensão sensorial intensiva e coletiva da vida que restaura e reconecta.

Foram realizadas apenas duas oficinas na Aldeia. Ambas neste ano de 2022: uma durante o "Abril Indígena" e a outra durante "Decolônia de Férias". No entanto, essa dimensão sensível e conectada da vida é convocada assim que pisamos no chão da Aldeia. Ao propor as oficinas, estamos apenas criando modos de ritualizar essa experiência através de experimentações de dança.

Somos filhas da terra. Fazemos parte dos seus ciclos e guardamos em nossos ventres um oceano que flui com os oceanos do planeta em conexão com a lua. E quando nos juntamos num cuidado coletivo durante a *zahy hu*, a lua cheia em *ze'egete*, que é mais forte em energia, nos nutrimos e nutrimos tudo ao redor como nos conta Potira Guajajara (JORDAN, 2019: 187).



Figura 2. Imagem de uma grande roda de pés descalços no chão da aldeia na oficina Corpo-Terra em abril de 2022. Fonte: Thaís Brum, 2022.

Partilhamos com os outros seres uma consanguinidade cósmica. Somos células desse organismo vivo, que dança no espaço como nos conta Ailton Krenak (2019, p. 93). Somos seres que partilham um mesmo colo e que vivenciam uma corporeidade ecossistêmica e pluri-comunitária. Partilhamos um planeta, uma mesma ancestral: a mãe Terra, *Nhandecy*. Através dessa relação com a vida, com a Terra e com os seres parentes que compartilham conosco essa nave mãe, podemos abrir as espirais do tempo e do corpo-espírito-território para regenerarmos a terra.

Kaká Werá (2017) nos conta que a cultura tupi-guarani propõe uma investigação de si, sendo assim um caminho de autoconhecimento que só pode ser exercitado por uma profunda devoção à vida. Como ele nos ensina, a terra, a água, o fogo e o ar são entidades de consciência superior e existe uma misteriosa relação entre os estados do corpo e os estados dessas energias primordiais. A busca por uma harmonização entre esses estados se exerce numa relação com a vida em todas as suas formas, numa "atitude interior de gratidão e pela expressão exterior de cuidado na relação com o *tekoá*, que o "lugar em que vivemos" no tempo-espaço" (WERÁ, 2017, p. 47). Guiadas por esse fio, buscamos encontrar a dimensão viva desses seres nos nossos corpos-territórios, deixando as plantas nos ninarem e nos ensinarem o caminho da cura e conexão.



Figura 3. Imagem da oficina Corpo-Terra em abril de 2022. Uma mão segura uma flor de clitória, ao fundo está Potira colhendo cidreira. Fonte: Thaís Brum, 2022.

Como aponta Geni Nuñez Guarani (2021), a farsa colonial não apenas incidiu sobre o espaço geográfico, como incidiu ainda sobre o território-corpo, sobre a subjetividade e sobre as relações que estabelecemos conosco, com os outros humanos e com as outras formas de existência. Geni sempre nos lembra que a nossa existência é tão rara como a de uma lagarta, ou de uma trepadeira, que somos parentes de peixes, aves e seres invisíveis aos nossos olhos. Geni (S/D) aponta que a expropriação colonial não finda na exploração dos corpos racializados, incidindo numa relação extrativista com a terra, como também na subjetividade. A colonialidade impõe modos de vida, valores, saberes e poderes que produzem tanto um empobrecimento material como um empobrecimento simbólico e sensível.

Sentir-se no colo da Terra e perceber que a mesma quantidade de água que banha seu corpo é a mesma da constituição dos nossos corpos. Criar um espaço de cuidado e confiança que chamem os encantados de volta ao território. Partilhar a mesma origem, a mesma partícula originária da vida, DNA cósmico, serpente ancestral, cobra grande. Essas são as flechas que nos guiam nessa retomada ancestral...



Figura 4. Imagem de parte de uma mulher e uma jovem de mãos dadas numa roda na oficina Corpo-Terra em abril de 2022. Fonte: Thaís Brum, 2022.

A cobra grande emerge e a floresta engole a cidade

“Quando Makunaima criou a vó,
 Ele colocou em seu coração a alma da pimenta
 Para que ela pudesse se proteger dos mariwa.
 Deu certo, ela viveu mais de cem anos.

Minha luta é honrar a luta da avó: todos os dias, incansavelmente, e para sempre.
 Lutar contra os espíritos capturadores de nossos espíritos, daquilo que nos endurece e nos
 torna incapazes de transformação todos os dias.

kareme kîiiii wai tîiiii
 Eu estou dizendo para você (ri-uí-li)
 Verdes, amarelas e vermelhas
 Dançam nos meus sonhos
 Embalando o rimo de meu encontro com Anikê e Insikiran
 Verdes, amarelas e vermelhas
 Verdes verdes verdes
 Vermelhas vermelhas vermelhas
 Amarelas amarelas amarelas até o infinito.
 (Julie Dorrico, 2019)

O cuidado e a defesa do corpo-território-coletivo entre mulheres são caminhos cósmico-políticos para a cura da terra. Um agenciamento “cosmogônico sanador” nas palavras da feminista comunitária Lorena Cabnal (2018) que entende que é preciso defender o território-terra, assim como o território-corpo das mulheres para promover uma experiência sanadora das marcas da violência colonial. Esse modo de vida instaurado pelo patriarcado colonial, que encontra no capitalismo atual sua versão mais atualizada, se instaurou em terras de *Abya Yala*³ promovendo o racismo, o machismo, o epistemicídio e outros massacres. O modo de colonização se fez através da invasão das terras e da violação dos corpos.

As histórias das mulheres originárias são histórias de luta e sobrevivência, de fuga e de reinvenção. São histórias de corpos que precisaram deixar seus territórios para continuar vivos e manter vivas suas culturas. São histórias de mulheres na cidade de concreto que souberam guardar a floresta em seus corpos-territórios. História de quem precisou caçar no espaço um lugar para bem-viver. Esquecer foi muitas vezes uma estratégia de muitas de nossas ancestrais para se manterem vivas. Lembrar é para nós uma forma de levante, um modo de desterrar histórias apagadas, silenciadas, negadas e violadas. Não se apaga a memória da pele. As grafias inscritas na pele não desbotam facilmente: são feitas de urucum, de jenipapo. Têm uma permanência ancestral... São mais de 270 línguas que insistem em ressoar. Mais de 300 povos.

Se encontramos hoje no grito e na palavra de tantas mulheres originárias a necessidade de lembrar e de se autodemarcar e se autodeclarar é porque o tempo que as habita não é regido por Cronos. O tempo originário é espiralar, é o tempo da *Mboi*, Cobra Grande, que se move por um rio sem fim e sem demarcação. Através da palavra, do canto e da dança, essa força de origem se move nos corpos-territórios sagrados.

Muitas mulheres originárias precisaram virar outras sem perder suas origens. Suas palavras-almas ecoam como grito da mãe-terra parindo vida no chão do concreto, fazendo a floresta engolir a cidade.

A violência colonial não nos matou.

Somos filhas da terra. Somos parte de seu corpo e, portanto, não morremos, nos encantamos.

Como lembra a feminista comunitária aymara Julieta Paredes, é preciso partir do corpo em suas múltiplas presenças e possibilidades para efetivar uma política anticapitalista e anticolonialista: é preciso “partir do corpo em sua integridade corpórea que compreende aspectos biogenéticos e energéticos, abrangendo a afetividade, a sensibilidade, a espiritualidade, a sensualidade e a criatividade” (PAREDES, 2014, p. 100)⁴.

Como nos ensina a querida parenta Juma Pariri (2022), é preciso “ternura radical” e “digna raiva” para lavar com sangue de vida e re-encanto nosso chão regado a sangue indígena. Termine esse volteio da Cobra Grande com palavras

³ Palavra originária do povo Kuna dado ao território conhecido por Américas e que significa terra madura.

⁴ Tradução do espanhol para o português feita pela autora.

encantadas lavadas em água viva para vingar a vida. Tente ouvir essas palavras com a pele do ouvido, abrindo seu labirinto, que com suas curvas te levam, num volteio ao teu escuro interior. Escuro que, como nos ensina Carlos Papá Guarani (2021), é a mãe do universo.

o rio é útero da terra
igarapé e igapó são berço de vida
lugar de onde tudo vem

berçário de peixes
que leva a outros mares e marés
que banha águas internas
que jorra das entranhas da floresta

núcleo da terra amazônica
gozo intermitente da mãe-terra
vibração da Mãe D'água, Mãe Amazônia

ser abraçada pela cobra grande sem fim
ser envolta por um céu infinito, pelo sol, pela lua e pelos ventos que correm por seus veios

ser natureza

o balanço das águas da cobra grande na pele
murmuram que corpo e natureza são uma só sensação.

sinto que sou de lá
sinto que estou um pouco lá

sinto que guardo um tanto de lá em mim
num serpentear de ondas de rio,
veios da terra,
útero do mundo

Referências

BENITES, Sandra. **Viver na língua guarani nhandewa (mulher falando)**. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-graduação em Antropologia Social – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro

CABNAL, Lorena. Sanación, bem-viver e a rede da vida In **Outras Economias: alternativas ao capitalismo e ao atual modelo de desenvolvimento**. Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul – Pacs, Rio de Janeiro, 2018.

DORRICO, Julie. **Eu sou macuxi e outras histórias**. Nova Lima: Caos e Letras, 2019.

JORDAN, Judith Payró. Mulher indígena: arte e resistência, Entrevista com Potira Krikati Guajajara. **Arte e Ensaio**. (Revista do PPGAV/EBA/UFRJ). Rio de Janeiro, n. 38, julho de 2019, p. 184 a 188.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Ay Kakyritama: eu moro na cidade**. São Paulo: Pólen, 2018.

_____. **O lugar do saber ancestral**. São Paulo: Uk'a, 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NUÑEZ, Geni. Descolonização do Pensamento Psicológico. **Revista Plural** - revista do Conselho Regional de Santa Catarina, n.2, s/d.

_____. Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário. **Revista ClimaCom**, Diante dos Negacionismos | pesquisa – ensaios | ano 8, no. 21, 2021.

PACHAMAMA, Aline Rochedo. **Boacé Uchó. A história está na terra: narrativas e memórias do Povo Puri da Mantiqueira**. Rio de Janeiro: Pachamama, 2020.

_____. **Guerreiras**. Rio de Janeiro: Pachamama, 2018.

PAPÁ, Carlos. **Pytun jera: Desabrochar da noite**. Cadernos SELVAGEM - publicação digital da Dantes Editora Biosfera, 2021. Disponível em: < http://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CADERNO18_PAPA-1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.

PAREDES, Julieta. **Hilando fino desde el feminismo comunitário**. Mexico: Mujer creando comunidade, 2014.

PARIRI, Juma. **“Educação pela pedra” e a cartilha muda do sangue**. Texto apresentado na Residência do Hemispheric Encounters, Toronto, 2022.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. Rio de Janeiro: Grumin, 2018.